

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1974
2 e 9 de Abril de 2024

A WOMAN UNDER THE INFLUENCE / 1974

(Uma Mulher sob Influência)

Um filme de John Cassavetes

Realização e Argumento: John Cassavetes / **Direcção de Fotografia:** Mitchell Breit / **Direcção Artística:** Phedon Papamichael / **Música:** Bo Harwood / **Som:** Henry Michael Denecke / **Montagem:** David Armstrong, Beth Bergeron e Sheila Viseltear / **Interpretação:** Gena Rowlands (Mabel Longhetti), PETER FALK (Nick Longhetti), Fred Draper (George Mortensen), Lady Rowlands (Martha Mortensen), Katherine Cassavetes (Mama Longhetti), Matthew Laborteaux (Angelo Longhetti), Matthew Cassel (Tony Longhetti), Christina Grisanti (Maria Longhetti), O.G. Dunn (Garson Cross), Mario Gallo (Harold Jensen), Eddie Shaw (Dr. Zepp), Angelo Grisanti (Vito Grimaldi), Charles Horvath (Eddie), etc.

Produção: Faces / Produtor: Sam Shaw / **Cópia:** dcp, colorida, legendada em português, 146 minutos / **Estreia em Portugal:** Ávila, a 6 de Setembro de 1996.

Em toda a sua carreira de "marginal" este foi o momento em que John Cassavetes mais cativou a atenção do "centro". E quando dizemos "centro", queremos mesmo dizer "centro": o coração da indústria hollywoodiana, que se deixou impressionar por **A Woman Under the Influence** de tal maneira que o nomeou para dois oscars, de melhor realização e de melhor actriz. Nem Cassavetes nem Gena Rowlands os ganharam, mas serem nomeados já foi uma proeza assinalável. Nos nossos dias tomou-se comum a Academia prestar atenção aos chamados "independentes", muito por causa do trabalho dessa ambíguissima casa que é a Miramax; mas nos anos 70 o panorama era um pouco diferente, e as nomeações conquistadas por **A Woman Under the Influence** constituem um episódio digno de nota.

Como que a provar que a "margem" e o "centro" podem às vezes andar de braço dado, este também é o filme preferido de muitos "cassaveteanos", assim como são muitos os que, admiradores especiais de Cassavetes ou não, o colocam no topo da obra do cineasta americano. Importa pouco, para o caso, contestar ou confirmar essa preferência. Do que não há dúvida, e isso pode servir para compreender a reputação que o filme adquiriu, é que nele estão contidos, exaustivamente, os traços mais característicos e mais aclamados do cinema de Cassavetes, as razões mais evidentes (e mais justas) da sua singularidade (esta sim, verdadeiramente indesmentível). Contidos e exponenciados, numa construção que os leva aos limites, criando uma tensão que pode ser, nalguns momentos, bastante exasperante (e isto não é obrigatoriamente um insulto), à beira de ser insuportável.

Gena Rowlands é o centro de tudo, obsessivamente perseguida pela câmara, em planos que muitas vezes são absolutamente cerrados sobre o seu rosto. Noutras vezes, quando o plano é mais aberto (e também é frequente a escala de planos variar em continuidade, sem interferência de cortes na montagem), raramente deixa de ser o centro da atenção da

câmara. É certo que a narrativa não depende exclusivamente dela (Peter Falk também chama sobre si alguma atenção), e que há mesmo alguns períodos em que Gena desaparece por completo (o tempo que passa internada no hospital psiquiátrico). Mas dir-se-ia que nem nessas alturas ela deixa de estar no centro de tudo, porque é como se a câmara sobretudo se preocupasse, então, seja com a sua ausência seja com os efeitos dela. **A Woman Under the Influence** é uma história sobre uma mulher, digamos para simplificar, "semi-louca", as suas relações com o marido (Falk), os filhos, a restante família, o ambiente em que vive (um subúrbio proletário, ou o seu equivalente americano). Observação "individual" tanto quanto "social", que toca numa figura dramática cara a Cassavetes (o casal) e se desenrola num meio que nem por isso foi o que o cineasta mais filmou. Nesse aspecto, este será mesmo um dos seus filmes mais "abrangentes"; assim como será, a outro nível, um dos mais "familiares" (boa parte dos actores que interpretam os papéis dos familiares de Rowlands e Falk são *mesmo* familiares de Rowlands e Cassavetes, sejam os filhos sejam as mães).

Dissemos acima que Gena Rowlands era o centro de tudo; e quando dizemos "Gena Rowlands" não queremos dizer necessariamente a sua personagem. Actriz e personagem são difíceis de distinguir neste filme, não porque possamos desconfiar de uma " projecção" duma na outra, ou de que Mabel seja uma "representação" de Gena, mas porque apetece dizer que Cassavetes filma menos uma personagem do que o trabalho da actriz que a interpreta. É seguramente um dos aspectos mais dúbios de **A Woman Under the Influence**, mesmo que ele que acabe no fundo por representar uma espécie de corolário da relação de Cassavetes com os actores (ou com esta actriz, Gena Rowlands, em particular). Por vezes - se não for quase sempre - damos por nós a olhar para o filme como se ele fosse um registo de uma "performance" de uma actriz a quem foram dados espaço e tempo para percorrer toda a gama da sua versatilidade e da sua habilidade: da interiorização à extroversão, do silêncio ao monólogo, da representação da "normalidade" à representação da "loucura", do trabalho em "solitário" à interacção com outros actores (às vezes em grande quantidade, como na final sequência do almoço com a família). Ao mesmo tempo, se essa percepção coloca alguns entraves na relação do espectador com o filme (o lado emocional dessa relação, por paradoxal que pareça, fica quase completamente excluído), a maneira como tudo parece ser assumido tanto por Rowlands como por Cassavetes resgata **A Woman Under the Influence** da hipótese de ser apenas um número de virtuosismo mais ou menos estéril e cabotino. Mais que um filme sobre "a história duma mulher semi-louca", é como se este fosse um filme sobre a actriz que interpreta o papel de protagonista dessa história. Por esse lado, **A Woman Under the Influence** seria um longo caderno de esboços semi-improvisados, um conjunto de exercícios, de formulações e hipóteses, um filme sobre "a solidão do actor" como, alguns anos depois, **Opening Night** seria. No fim, há uma altura em que Rowlands, depois de mais um momento de tensão, se acalma subitamente. Na maior pacatez, ela e Falk começam a preparar o jantar, e a câmara fica a olhá-los do exterior da casa, por trás das persianas fechadas, enquanto começa a correr o genérico de fecho: é como se assim se assinalasse o fim da "performance", o momento em que os actores *deixam* de ser actores.

Luís Miguel Oliveira